

A NEOPEDAGOGIA DA GRAMÁTICA NO ENSINO DA REDAÇÃO

THE GRAMMAR NEOPEDAGOGY IN THE TEACHING OF COMPOSITION

Denise Conceição Pereira ¹

Arlinda Maria Caetano Fontes ²

Resumo

O presente artigo traz um estudo sobre a Redação, com base nas obras do professor Francisco Dequi, mentor da Neopedagogia da Gramática, fazendo-se um pequeno comparativo entre o método tradicional de ensino e o método inovador proposto por este estudioso da questão. Normalmente, a Redação é apresentada de uma forma não muito didática, deixando-se este importante conteúdo um tanto desinteressante e até difícil de ser desenvolvido. O método que aqui se sugere é transformador, expõe de outra forma a maioria dos conteúdos estudados na Língua Portuguesa, dando um enfoque significativo à Gramática, o que é a forma mais segura para se escrever bem.

Palavras-chave: Redação. Neopedagogia da Gramática. Redação por Recomposição. Produção de textos.

Abstract

The present article brings a study about the Composition, based on the work of Professor Francisco Dequi, Neopedagogy Grammar Mentor, establishing a simple comparison between the traditional teaching method and the unprecedented method proposed by this scholar in the matter. Normally, the Composition is presented in a not very didactic way, turning this important subject into something not very interesting and even difficult to be developed. The method which is being suggested here is transforming, since it exposes in a different approach the majority of the contents studied in the Portuguese Language, focusing in a significant way the Grammar, which is the safest way to write well.

Keywords: Composition. Grammar Neopedagogy. Composition by Recomposing. Production of texts.

Introdução

Escrever é uma arte, e escrever corretamente é uma arte muito maior. Assim, a boa redação precisa ser produzida com todo o cuidado, visando a uma escrita correta e de qualidade. Dominar a arte da escrita é um trabalho que exige prática e dedicação. No entanto, conhecer seu lado teórico é muito importante. Por isso, primeiramente, procura-se lembrar o modo tradicional a partir do qual, normalmente, os professores de Língua Portuguesa trabalham o tema Redação nas escolas em geral. Em termos gerais, esta é a definição corrente: Redação, modo de

¹ Especialista em Neopedagogia da Gramática, da FATIPUC, Canoas/RS. *E-mail:* <denise@ipuc.edu.br>.

² Mestre em Comunicação/Semiótica, coordenadora e professora do Curso de Especialização em Neopedagogia da Gramática, da FATIPUC, Canoas/RS, orientadora do TCC. *E-mail:* <arlinda10@gmail.com>.

escrever. É uma definição simples que consta no dicionário. Trata-se de palavra que tem origem no Latim: **redacção** (àç) (latim *redactio*, *-onis*, do latim *redigo*, *-ere*, trazer para trás, reconduzir, reduzir), acto ou efeito de redigir. Modo de redigir.

Neste trabalho, faz-se um resumo desta teoria, tecendo-se, de modo bastante simples, uma comparação entre o método tradicional e a Neopedagogia da Gramática, até porque a Neopedagogia trata de toda a gramática. Deste modo, não se tem como trabalhar toda a teoria neste pequeno artigo. Não se tem a pretensão de afirmar que uma seja melhor do que a outra, mas sim, a intenção de demonstrar uma nova maneira de aprender a língua portuguesa, uma nova visão sobre tudo o que já se conhece. Recomenda-se que os professores a apliquem em seu trabalho, e se lembrem de que é necessário esforço. Escrever exige paciência, dedicação, interesse e conhecimento do que se escreve e de como se escreve. Conforme Câmara (1983, *apud* Martins e Zilberknop, 2003, p. 99),

Há uma arte de escrever - a redação -, que não é uma prerrogativa dos literatos, senão uma atividade social indispensável, para a qual falta, muitas vezes, uma preparação preliminar, que só o esforço e a prática podem vencer. A arte de falar, necessária à exposição oral, é mais fácil na medida em que se beneficia da prática da fala cotidiana. Ambas, porém, exposição oral e escrita, possuem um elo comum: necessidade de boa composição, isto é, uma distribuição metódica e compreensível de idéias, impõe-se, igualmente, a visualização de um objetivo definido. Ninguém é capaz de escrever bem, se não sabe o que vai escrever.

1 Revisando o método tradicional

A redação tem sido valorizada em vários aspectos. Atualmente, ela tem sido usada em provas dos principais concursos, vestibulares, ENEM. Por isso, a boa redação deve ter uma escrita clara, simples e objetiva, mas, acima de tudo, é interessante observar as normas vigentes da língua culta, usar palavras conhecidas e adequadas, escrever com simplicidade. Para que se tenha bom desempenho, é preferível usar frases curtas, organizar as ideias, ter cuidado para não mudar de assunto de repente. O segredo está em não deixar nada subentendido, nem imaginar que o leitor sabe o que se quer dizer e em evidenciar todo o conteúdo da escrita, fazendo-se entender. É interessante procurar expressar o máximo de conteúdo com o menor número de palavras possível. Fazer uma pesquisa prévia para selecionar melhor o que se escreve e manter a coerência em todas as partes

do texto é atitude primordial. Procurar chamar a atenção para o assunto com palavras fortes, cheias de significado, principalmente no início da redação, e usar o mesmo recurso para destacar trechos importantes, também é uma medida interessante. Uma boa conclusão é essencial para mostrar a importância do assunto escolhido. E deve-se ter muito cuidado com o que se diz, evitando-se afirmar algo que não possa ser provado.

Vale a pena observar alguns detalhes:

- nunca colocar vírgula entre o sujeito e o verbo, nem entre o verbo e o seu complemento;
- em textos formais, evitar usar expressões populares e cristalizadas pela população;
- evitar o uso de expressões vulgares;
- ter cuidado com o uso, principalmente, destas conjunções: mas, porém, contudo que são adversativas, indicam fatores contrários; portanto e logo são conclusivas; pois é explicativa e não causal;
- atentar para o fato de que a falta de elementos coesivos entre orações, períodos e parágrafos pode dificultar a compreensão do texto;

Destaque-se ainda que existem dois pontos que são fundamentais para a boa redação:

- Criatividade – Não se deve trabalhar com exemplos muito simples ou comuns. É preciso ser criativo, usar a inteligência.
- Sociedade - Tudo o que for colocado na redação deve ser importante para a sociedade de um modo geral, e não apenas a quem escreve ou a um pequeno grupo de pessoas.

Para se produzir uma boa redação, não existem fórmulas mágicas ou técnicas especiais. Tudo o de que se necessita é seguir algumas regras essenciais e lembrar-se dos pontos estruturais (começo, meio e fim) e fazer o trabalho de distribuição das ideias, de maneira harmônica, em cada período do texto.

De acordo com Martins e Zilberknop (2003), a partir da tripartição, sob o enfoque tradicional, poder-se-ia, tipologicamente, estabelecer três modelos de textos: dissertativo, narrativo e descritivo como hipótese de trabalho. É relevante analisar esses três tipos:

a) **Dissertação:** Texto que se caracteriza pela defesa de uma ideia, ponto de vista ou questionamento, no abordar um determinado assunto. Em geral, este tipo de produção textual costuma distribuir o seu conteúdo da seguinte maneira:

Introdução – ponto em que se apresentam as ideias que serão defendidas ao longo do texto.

Desenvolvimento – momento em que se desenvolvem as ideias anteriormente apresentadas, de modo a convencer o leitor por intermédio de argumentos sólidos e dados concretos.

Conclusão – é a parte em que se elabora um desfecho coerente do desenvolvimento com base nos argumentos apresentados.

Neste tipo de construção, é permitido ao autor acrescentar julgamentos ou opiniões para defender sua ideia, desde que transmitam credibilidade e consistência, sem abandonar o formato de discurso persuasivo.

b) **Narração:** caracteriza-se pela representação de fatos reais ou fictícios, envolvendo personagens e episódios que ocorrem num determinado tempo e espaço. A narração de fatos reais é muito comum em livros científicos, jornais, livros de História e outros. Por sua vez, a narração de fatos fictícios não tem compromisso com a realidade e permite inventar e criar fatos de acordo com a imaginação de quem relata. Todo texto narrativo existe na medida em que há uma ação praticada por personagens contando com dois elementos principais: tempo e lugar. O narrador pode estar embutido dentro dos acontecimentos, ou não, e sofrer ações e intromissões de outros personagens de acordo com o contexto em que se passa a história. Os verbos, neste tipo de texto, são usados em primeira pessoa para personagens e, em terceira pessoa, quando um observador está contando algum fato.

c) Sobre a descrição, pode-se dizer que o termo descrever significa representar, por meio de palavras, as características de um objeto, uma ideia ou um sentimento. Um texto descritivo tem como objetivo transmitir informações sobre seu foco principal, de modo que o leitor crie na sua mente uma imagem do objeto, pessoa, sentimento ao ser descrito. Os pontos de vista existentes em uma descrição podem ser exibidos de duas maneiras: objetiva ou subjetiva.

A forma objetiva é aquela que apresenta um objeto e indica suas características principais de maneira precisa, cuidando para que as palavras não permitam mais de uma interpretação. Já a forma subjetiva acontece quando se trabalha com a linguagem e se selecionam palavras ricas de sentido e o emprego de construções livres que permitam mais de uma interpretação do leitor.

Em suma, basicamente, aprende-se a escrever uma redação desta forma, em algumas vezes, com muito mais ênfase, noutras, nem tanto.

2 Redação por recomposição

Há importantes pesquisadores da Língua Portuguesa que trabalham para melhorar o uso que se faz dela. Aqui, cita-se o Professor Francisco Dequi, mentor da Neopedagogia da Gramática, que traz inovação ao ensino da nossa língua, e é essa teoria a base deste trabalho.

O professor citado é autor de teses que revolucionam o ensino do português, tornando-o interessante e muito mais fácil de aprender. Não poderia ser diferente com a redação para a qual foi dedicado um livro. Nas palavras do autor (DEQUI, 2002),

Redação por Recomposição visa a exercitar e fixar os conteúdos gramaticais expostos pela obra fundamental do CES, a Sintagramática, a gramática dos determinantes e determinados. O manual, acompanhado de seu CD-ROM, tem se mostrado efficientíssimo no levar qualquer interessado ao domínio das regras da correta e variada elaboração de textos formais.

Redação por Recomposição é um método que aplica a Sintagramática na construção de textos. Une estruturas por meio da relação determinante e determinado, o que permite a realização de produções textuais de nível bem elevado. Para isso ensaia a utilização escorreita e variada dos conectivos, tornando, inclusive, ativos os que estão no repertório passivo; automatiza o uso correto da regência; conduz à compreensão da pronominação e renominação de uma posição da fórmula da oração; faz desfilar as quatro formas de determinar nomes e verbos;

mostra claramente a localização e o papel polivalente do introdutor pronome relativo; leva a dominar os sinais de pontuação sob a luz da sintaxe; enriquece o vocabulário ativo; prepara o caminho para a interpretação objetiva de textos.

2.1 Conceitos Neopedagógicos

A Neopedagogia usa alguns termos, códigos que são de extrema importância para a interpretação. Vejam-se alguns exemplários:



Pode-se conferir abaixo a fórmula da oração.

2.2 Estruturação da Oração

Dequi observa que, quando o homem começou a falar, passou a nomear todos os seres concretos que via diante de si. Era uma forma para começar a comunicação, pois nomeava-os com nomes de duas sílabas repetidas, como os nenês ainda hoje o fazem: papá, mamá... As dissílabas imitavam os sons. Mais tarde, o homem passou a nomear os objetos aleatoriamente, sem reprisar os seus ruídos.

Assim, estava criado o nome 1, o termo 1, a posição 1 da estruturação oracional. Para complementar o sentido da linguagem, foi criado o nome 2 que dissesse alguma coisa do termo fazendo surgir o verbo 2. Têm-se, então estas estruturas:

1

Ex.: Miau-miau...

Miau- miau arranhou.

1 2

Para Dequi, nome e verbo são os dois núcleos essenciais da oração e da própria estruturação gramatical. Todos os demais termos dos textos girarão em torno

desse binômio fundamental. A nomenclatura coerente, igualmente, terá que estar ligada a seus radicais: nome, pronome, adnome, concordância nominal, regência nominal, complemento nominal, oração nominativa... Verbo, advérbio, concordância verbal, regência verbal, complemento verbal, oração adverbial.

Deixando-se de lado a escrita onomatopeica, tome-se este enunciado: O gato arranhou.

Se o emissor da mensagem quiser determinar quem o gato arranhou, será necessário colocar um complemento verbal, o nome 3, que poderá ser “o menino”.

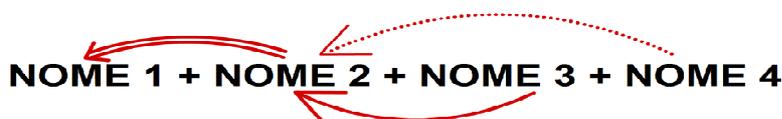
Depois surge o advérbio, como nome 4:

Gato arranhou menino aqui. (= neste lugar)

Gato arranhou hoje. (= neste dia)

Gato arranhou menino assim. (= deste modo)

Assim pode-se verificar a fórmula da oração normal, conforme ilustração abaixo:



Observe-se que, na fórmula da oração, têm-se os seguintes elementos:

Nome 1 = sujeito;

Verbo 2 = verbo simples ou composto;

Nome 3 = complemento verbal;

Nome 4 = advérbio (circunstância).

No anexo 1, tem-se a representação de um pôster retirado do *blog* do CES com explicação resumida sobre o código numérico e o uso de setas pela Neopedagogia da Gramática.

É importante salientar algumas considerações do autor:

- a) Todas as setas-sintagma apontam para um nome ou para um verbo. Isso significa que somente esses dois núcleos constituem o polo determinado onde incidem os determinantes.
- b) Em cada oração, existem somente uma posição 1 e uma posição 2.

- c) Nos textos, a posição 5 é a mais frequente, uma vez que qualquer nome pode cercar-se de adnomes (adjetivos, artigos, pronomes ou numerais adjetivos...).
- d) Os verbos 2 podem ser determinados por mais de uma circunstância (advérbio de tempo, lugar, modo, negação, afirmação, dúvida...).
- e) As circunstâncias podem ser expressas por uma única palavra (advérbio), ou por um grupo nominal estruturado com um nome cercado de adnomes, introduzido por uma preposição, ou ainda por orações.
- f) A introdutora preposição pura não é numerada. Se estiver combinada com adnome ou pronome associa-se à numeração destes.
- g) A ordem direta é frequente entre os termos essenciais (nome 1 e verbo 2). Todavia, os advérbios e os adnomes preferem a liberdade topológica.
- h) O nome 3 prefere a ordem direta, postando-se após o verbo. (Dequi, 2002)

É importante observar que a compreensão da fórmula da oração é útil para o bom entendimento da gramática, de forma simples e interessante. O nome, qualquer que seja sua posição dentro da oração, pode revestir-se de adnomes. Esses se identificam pelo número 5. A ordem normal e originária dos termos da oração é a fórmula exposta acima: sujeito (nome 1); determinante essencial do sujeito (verbo 2); determinante integrante do verbo, ou complemento verbal (nome 3), determinante acessório e circunstancial do verbo (nome 4).

Toda oração estrutura-se com binômio(s) determinado/determinante. Na oração normal, o termo do lado direito determina, predica, completa a palavra (nome ou verbo) postada ao lado esquerdo, o determinado.

A ordem direta não é regra absoluta para a estruturação de textos. Seu ensino serve apenas como referência para o domínio gramatical. Será mais fácil reconhecer a ordem indireta se souber a ordem direta. Conhecendo-se a base da Neopedagogia, observam-se alguns tópicos que merecem consideração no processo da escrita, isto é, da redação:

- renominação;
- as quatro formas de determinantes;
- utilização do pronome relativo;
- uso dos nexos em geral;
- regência, colocação e concordância;
- correlação modo-temporal dos verbos;
- aplicação das regras de pontuação;
- paráfrases no redigir e interpretar;
- estrutura do parágrafo;
- estrutura da redação;

- produção de textos;
- pronominação e quadrimorfia;
- conhecer mecanismos para evitar repetições na organização dos textos;
- conhecer o funcionamento da pronominação;
- capacitar-se para usar com precisão os pronomes demonstrativos e relativos;
- o uso organizado dos pronomes – especialmente demonstrativos e relativos – ajuda a manter a coesão do texto, contribuindo para a clareza das ideias.

Vejam-se, a seguir, esses tópicos com sua explicação.

Pronominação: é a substituição de um nome dentro de uma oração por um pronome, o representante natural do nome. Dentro da fórmula da oração, as posições 1, 3, 4, e 5 podem ser ocupadas por um nome, ou por um pronome.

3 Visão geral dos introdutores

Dominar os introdutores de determinantes é fundamental tanto para a boa escrita quanto para a correta interpretação objetiva.

3.1 Preposição

A preposição pode encabeçar determinantes em qualquer das quatro formas, inclusive as que têm forma de orações reduzidas ou desenvolvidas. Podem ainda preceder também os pronomes relativos e as conjunções. Podem ainda introduzir determinantes complemento verbal, complemento nominal, advérbio e adnome. São estas as preposições essenciais: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

3.2 Conjunções

A conjunção subordinativa é introdutora do determinante oração nominal ou adverbial em forma desenvolvida. As conjunções “que” e “se” podem apresentar-se com ou sem preposição, porque são vazias de significado. Todas as conjunções

adverbiais são carregadas de significação, pois denotam circunstâncias de tempo, causa, modo, condição e outras.

3.3 Pronomes Demonstrativos

Este, esse, aquele – são utilizados para explicitar a posição de certa palavra em relação a outras ou ao contexto. Essa relação pode-se dar em termos de **pessoa, espaço, tempo** ou **discurso**. Para cada caso, requer-se forma especial.

Uso em relação ao espaço: **este** (a/s) – localiza seres próximos de quem fala (**eu**); **esse** (a/s) – localiza seres próximos de quem ouve (**tu**); **aquele** (a/s) – localiza seres distantes dos dois primeiros elementos (**ele**).

Uso em relação a tempo: **este** (a/s) – para indicar **presente** ou **futuro**; **esse** (a/s) – para indicar **passado recente**; **aquele** (a/s) – para indicar **passado remoto**.

Uso em relação ao discurso: **este** (a/s) – refere-se à informação que segue (catáfora); **esse** (a/s) – retoma o que já foi dito (anáfora); **aquele** (a/s) – retoma o que já foi dito mais anteriormente (anáfora).

Veja-se, agora, como pode dar-se o emprego dos pronomes demonstrativos, de modo especial, com três referentes:

Exemplo: O velho, o índio e o negro são discriminados por motivos diversos: **aquele**, por ser improdutivo para a sociedade de consumo; **esse**, por ser considerado atrasado e preguiçoso; **este**, por não se ter libertado, ainda, do estigma da escravidão.

E, ainda, com dois referentes:

Exemplo: Ele comprou uma pasta e um dicionário. **Aquela** custou cinquenta reais; por **este** pagou vinte reais.

Como se viu nesses exemplos, havendo três elementos, utilizam-se os três pronomes – *este, esse e aquele* –; com dois, suprime-se o do meio – *esse* – ficando-se somente com *este e aquele*.

O pronome relativo introduz o determinante adnominal quando esse tem forma de oração desenvolvida (oração adnominal ou adjetiva). Trata-se de um conetivo bivalente, pois desempenha o papel de introdutor oracional e, ao mesmo tempo, funciona como um termo interno da oração por ele iniciada. São pronomes

realtivos os seguintes: que, o qual (a/s), quem (pessoas), onde = lugares, quando = tempo, quanto (a/s) = quantidade, como = modo, cujo (a/s) = posse.

Observação: Os pronomes relativos sempre retomam um nome antecedente (o *cujo* refere-se a dois nomes, um antecedente e um conseqüente).

Observações sobre Pronomes Relativos:

- ☞ só podem ser usados em frases com mais de uma oração;
- ☞ além de introdutores de oração, desempenham uma função sintática específica;
- ☞ de acordo com a função sintática assumida, a maioria deles pode vir acompanhada de preposição;
- ☞ sempre retomam o sentido de um termo da oração anterior (antecedente), evitando uma repetição de vocábulo;
- ☞ o pronome “cujo” estabelece relação de posse com dois termos: um antecedente (ser possuidor) e um conseqüente (ser possuído);
- ☞ os pronomes relativos variáveis flexionam-se de acordo com o termo que retomam (exceto “cujo” que varia conforme com o termo que lhe segue (o conseqüente ou ser possuído);
- ☞ a oração adnominal (adjetiva) realmente funciona como determinante do termo precedente.

Obs.: A Neopedagogia sustenta que “cujo” não é pronome, mas adnome relativo.

3.4 Introdutor zero

O predicado, o predicativo, o objeto direto e a maioria dos adnomes e advérbios não possuem introdutor de determinantes. O introdutor mais versátil é a preposição.

3.5 As quatro formas de determinantes

Com exceção do verbo, todas as posições da fórmula da oração podem ser preenchidas de **quatro modos**: forma de **palavra**, de **grupo nominal**, de **oração reduzida**, de **oração desenvolvida**.

O nome pode ter determinante adnominal nas quatro formas mencionadas, estando em qualquer posição dentro da oração.

A oração reduzida é a estruturada com o verbo em uma das três formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio não participantes de verbos compostos; já a oração desenvolvida é constituída de verbo pleno conjugado ao nome 1.

Assim, é possível escolher-se uma das quatro formas para determinar nomes ou verbos. Há, como se pode ver, opções morfológicas para se redigir, de forma clara, um pensamento.

3.6 Uso da Vírgula

O uso da vírgula obedece às regras gramaticais, como segue:

a) Orações Adverbiais, antes da frase principal, isolam-se por vírgula, conforme a demonstração com sintagramas abaixo:

Quando eu era jovem, não percebia a maldade das pessoas.



b) Qualquer oração de teor explicativo, que parta a oração principal, inserindo-se no meio dela, deve vir entre vírgulas (vírgulas-parênteses):

O padre, embora fosse convidado, não compareceu na festa.



c) Isola-se por vírgulas-parênteses a oração adnominal (adjetiva) longa. Na de pequena extensão, pode até ser usada uma vírgula, porém nunca se usa uma única vírgula antes da oração adnominal, pois funcionaria como abrir-se um parêntese e não fechá-lo.

A música, pela qual a cantora foi elogiada, é linda.



d) Usa-se vírgula em todas as orações coordenadas sindéticas (= com conjunção), exceto aditivas positivas ligadas por “e”. As conclusivas podem ser isoladas por ponto e vírgula.

A aluna não está em sala de aula; portanto saiu.

e) Em orações nominais (substantivas), inclusive as iniciadas pelas conjunções que e se, somente a apositiva é isolada por algum sinal de pontuação, geralmente dois pontos.

Ex.: Na vida, João queria só uma coisa: ser feliz.

Isolam-se por vírgulas o vocativo, o aposto, o advérbio e a conjunção deslocada além das expressões explicativas e/ou corretivas. Dentro das orações, pode-se usar a vírgula para marcar a omissão do verbo ou da conjunção “e”.

É interessante verificar-se que os sintagmas constituem-se em uma linguagem cujo emprego torna fácil evidenciar os eventos sintáticos. O uso das setas, abaixo, elucida isso:

1, 2, 3 4, 5.

As vírgulas, no exemplo acima, são proibidas. É ilógico fazer com uma vírgula solitária separando os polos essenciais, não é correto cortar os sintagmas essenciais.

Veja-se a lógica:

o guarda, comprou, uma arma por causa do medo, de assaltos.

Uma pequena vírgula altera o sentido de uma oração, conforme o exemplo:

Homem bom não, mate-o.

Evidentemente, esse é um exemplo cômico para ilustrar a diferença de sentido que este sinal pode produzir.

Mas é bom que se diga, o que aqui se faz é uma pequena amostra de um grande estudo que deve ser desenvolvido. Para aqueles que já conhecem bem a gramática, a Neopedagogia será uma metodologia a mais; já aqueles que estão em processo de aprendizagem verão que a Neopedagogia veio para agregar e facilitar este processo.

Pedagogicamente, é importante, para que se chegue ao ponto de produzir uma boa redação, que os professores trabalhem de forma clara todos os conteúdos referentes à gramática. Seria interessante usar todas as ferramentas que a Neopedagogia oferece. Para trabalho inicial, os professores podem incentivar os alunos a descobrirem, com os sintagmas e com o código numérico, as funções exatas de cada palavra dentro de uma oração e, logo, estender isso aos parágrafos. É possível trabalhar com os mais variados tipos de textos, não esquecendo os literários que incluem letras de músicas. No início, obviamente, seria mais aconselhável que se fizesse esse trabalho com pequenos trechos para, em seguida, se estender a textos completos. Dessa forma, os professores podem montar cronogramas com atividades para os alunos produzirem redações semanalmente, independentemente da série/ano em que estejam, pois, quanto antes começarem a exercitar a arte da boa escrita, com auxílio do professor em relação à correção, muito mais cedo se tornarão bons escritores.

Seria interessante que as escolas que trabalham com Ensino Médio proporcionassem oficinas de Aprendizagem da Língua Portuguesa. Essas oficinas poderiam ser realizadas no turno contrário ao da aula, e o trabalho poderia ser desenvolvido de uma forma mais livre, mais ampla do que no dia a dia escolar. Elas contemplariam os alunos com atividades lúdicas, com tarefas diferentes e com o foco na real aprendizagem. Além do aprender, os alunos estariam compartilhando ideias e trocando informações importantes, já que muitos ficam sem ter opções de atividades no turno contrário ao da aula normal. Todo momento de construção deve ser valorizado.

Há correntes que tratam da língua portuguesa com desleixo, concluindo que a gramática não deve ser levada ao extremo, recomendando que o tempo de trabalho dedicado a ela, em sala de aula, seja diminuído. E pode-se até entender os motivos.

Porém, não há como escrever com criticidade, com estética e correção, se não for feito o uso correto das normas vigentes, se não houver um bom entendimento do que se escreve, se o aprendiz não entende quem é o nome 1 (sujeito), não souber onde está o verbo 2, o motivo de o verbo 2 concordar com o nome 1, ou seja, se ele não entender as relações que se operam entre as diferentes partes do texto. Se ele não souber identificar as funções sintáticas dos termos das orações, é quase certo que sua escrita não atingirá o fim almejado. Essa mesma questão segue no que diz respeito à pontuação. O estudioso que sabe o motivo pelo qual não se separa um determinante do seu determinado, escreverá com muito mais clareza, pois entenderá que a pontuação é um dos elementos que servem para construir o sentido do texto; se usada de forma inadequada, certamente, alterará o sentido de uma frase. Quem domina a Neopedagogia e faz uso dos inúmeros recursos que ela oferece, sem dúvida alguma, entenderá melhor essas funções.

Dominar a Gramática, sobretudo o método neopedagógico, traz grandes benefícios às pessoas que querem escrever melhor. Poder usar todo o material pedagógico para essas construções é uma ótima alternativa aos educadores que, algumas vezes, pensam ser desagradável ensinar o Português e que, não raramente, acreditam que esse ensino é maçante, pois já foram alunos, estudantes pelo método tradicional.

Mas eis aqui uma nova alternativa para que não se caia na mesmice do trabalho sem graça, sem razões. Incentivar a boa escrita, a boa interpretação é a obrigação que o mestre da Língua Portuguesa tem com seus discípulos. A boa educação se faz com boas práticas, incentivando e propagando as metodologias que pesquisadores, como o professor Dequi, conseguiram desenvolver. São anos de estudo e pesquisa que devem ser levados em conta, aproveitando-se ao máximo essa grande ferramenta, a Neodidática, que hoje está sendo disponibilizada a professores e a estudantes. Uma nação que não domina sua própria língua não pode ser uma nação livre.

Considerações finais

Cabe salientar que uma boa Redação depende muito do conhecimento do assunto, porém, não há como escrever bem se não houver domínio sobre a

gramática. Essa conecta o usuário da língua de forma mais concisa, é base para a concordância entre termos, facilita a interpretação dos textos. A Neopedagogia, por sua vez, traz a velha gramática de outra forma. Não se pode abandonar a gramática, mas investir em ensinamentos. Produzir texto, simplesmente, por produzi-los desqualifica os resultados, mas a produção de um texto com uma boa escrita e com base nas regras vigentes da Língua Portuguesa facilita a exposição de um bom discurso. É a única base segura para uma boa escrita. Basicamente, vê-se com frequência a falta desta boa escrita. Uma gama de razões leva ao desinteresse de quem ensina e de quem aprende e, às dificuldades de se adequarem às normas gramaticais, de dominá-las, trazendo certa restrição para que os educandos, de uma forma geral, percam o interesse em redigir textos corretos.

Portanto, é possível afirmar-se que a Neopedagogia vem para agregar valores positivos ao ensino e à aprendizagem, auxiliando aos estudiosos, valorizando e, com certeza, facilitando o aprendizado da língua. Por isso, é de grande valia o seu estudo. Assim, seguindo-se o outro caminho apontado pela Neopedagogia, será possível escrever mais e melhor, com precisão.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

DEQUI, Francisco. *Neopedagogia da gramática: 18 teses surpreendentes*. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos, IPUC, 2005.

_____. *Redação por Recomposição*. 12. ed. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos, IPUC, 2002.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINS, Dileta Silveira; Zilberknop, Lúbia Scliar. *Português instrumental*. 24. ed. revista e ampliada. Porto alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

SCARTON, Gilberto; SMITH, Marisa M. *Manual de redação*. Porto Alegre: PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD, [2002]. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/manualred/index.php>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

VILARINO, Sabrina. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/redacao/as-partes-redacao.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2012.